



O Adeus à Corveta Jace

CMG (Refº) José Alberto Cunha Couto

Os homens e as mulheres do mar acreditam que os navios têm alma e essa só se desprega de seus cascos quando esses são desmontados ou afundados.

Fui o segundo Comandante da Corveta *Jaceguai*, de nossa Marinha do Brasil (MB), e me sinto na obrigação de expressar o sentimento de todos os que

passaram por bordo e dos orgulhosos integrantes da dinastia de ex-Comandantes da “Gato Preto”, como era carinhosamente conhecida pelas suas tripulações e pelos demais navios da nossa Esquadra.

Nesse comando, ao suceder ao Comandante Afonso Barbosa, que nos deixou, ele já havia feito as difíceis provas de recebimento do navio, no setor de material. A mim



Jaceguai

coube a passagem da corveta para a área operacional.

A *Jaceguai* é o segundo navio de sua classe, projetada pela Marinha e construída em seu Arsenal, no Rio de Janeiro. Seu nome é uma homenagem ao Almirante Artur Silveira da Motta, Barão de Jaceguai, herói da Guerra da Tríplice Aliança. O brasão da V-31 (seu indicativo de costado) alude à participação do Barão de Jaceguai na difícil passagem de Humaitá.

Nossa corveta nasceu, portanto, sob o signo do heroísmo, e foi incorporada à MB em 1991. Dois anos depois,

ao se apresentar à Esquadra, a V-31 teve que ser avaliada, passando por listas de verificação operacional (as mesmas de suas irmãs fragatas) até chegar à fase III de adestramento de sua tripulação.

Estava, então, pronta para desempenhar todos os requisitos que a MB havia imaginado para sua construção, quando sua quilha foi batida, em 1984: proteção das linhas de comunicação marítimas; e capacidade para as guerras de superfície, antissubmarino e antiaérea de ponto.

Sua primeira operação, integrada a uma força-tarefa, foi em viagem a Porto Rico, para exercícios conjuntos com a Marinha dos Estados Unidos. Era uma estreia que nos enchia de brios, pois íamos demonstrar internacionalmente o valor da construção militar e dos marinheiros brasileiros – raça de bravos.

A primeira passagem pelo Equador nos ficou gravada no coração. Netuno embalou o batismo de sal e os ventos quentes nos trouxeram bons presságios de sucesso em nossas missões no mar. Havia o sentimento de que a *Jaceguai* chegava para continuar a vigilância pela paz, que para nós se vestia de branco e azul, as cores de nossos uniformes.

Nessa viagem, sucederam-se inúmeras operações e a *Jaceguai* foi sempre a primeira a dar o alarme e a combater ataques aéreos e de submarinos, expressando a vocação oceânica da MB.

Não éramos gigantes, mas era como, todos os 134 tripulantes, nos sentíamos no mar. Sucederam-se muitas e intensas emoções e experiências vividas, ricas em relacionamentos e em ensinamentos.

E como tudo tem seu fim, chegou o dia da baixa da V-31 do serviço ativo da Marinha, com a assinatura de seu termo de desarmamento, em 16 de outubro de 2019.

Dois anos se passaram, e agora a *Jaceguai* servirá de alvo na “Missilex/Torpedex”, operação em que nosso navio será afundado, e, até o seu fim, gerando ensinamentos à Marinha.

O costado da ex-*Jaceguai* já tem setores pintados de vermelho e de amarelo, sobre o cinza que sempre ostentou, e ela será rebocada até o horizonte, onde o mar encontra o céu...

Imagino como será a emoção de seu afundamento. Netuno virá à superfície e comandará: “em continência, um!”.

As águas do mar entrarão nas entranhas da nossa *Jaceguai* e o ar será expulso como o ruído de um apito, um suspiro que será homenageado pelo apito dos demais navios na área de sua despedida, em profundo respeito.

A *Jaceguai* iniciará a sua derradeira viagem, findando 28 anos de excepcional carreira. Seu Comandante Afonso Barbosa a aguardará e lhe dirá: “Corveta *Jaceguai*, sua alma não é pequena!”.

Netuno: “em continência, dois!” ■